

Greve britânica na refinaria Lindsey:



Cartaz com a frase "trabalho britânico para trabalhadores britânicos"

greve
xenófoba

ou greve
exemplar?



Assembléia dos trabalhadores do sindicato Unite

JOSÉ MORENO PAU

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DOS TRABALHADORES (PRT) - ESPANHA

A greve dos trabalhadores terceirizados da refinaria de petróleo da Lindsey Oil, no norte de Inglaterra, deu lugar a duas visões diametralmente opostas sobre a mesma. Para as organizações que defendem a greve, esta foi exemplar e negam seu caráter xenófobo, acusando os que não compartilham de sua posição de acreditar nas mentiras e na campanha da imprensa burguesa.

Consideramos ser necessária uma resposta pública, mais ainda por vermos que os conflitos deste tipo não acabaram com o fim desta greve, outras apareceram na Inglaterra com os mesmos lemas. Os sindicalistas dirigentes já haviam avisado que este era só o começo. Com a crise econômica, estão crescendo a xenofobia (o rechaço aos estrangeiros) e o racismo. Ante o aumento do desemprego e das demissões, os primeiros que pagam a conta do capitalismo são os setores mais débeis, os trabalhadores imigrantes, os precarizados, as mulheres. A resposta ao problema do desemprego e dos germes xenófobos é fundamental para combater os ataques patronais. Neste artigo queremos analisar se a resposta dos sindicalistas da Lindsey Oil foi correta ou não, como pretendem seus defensores, e quais são as propostas que podem servir para unir o conjunto dos trabalhadores em defesa de seus postos de trabalho¹.

A greve na refinaria

A greve dos trabalhadores britânicos da construção civil da Lindsey Oil, iniciada no fim de janeiro, estendeu-se a várias fábricas de outras cidades. Um dos defensores da greve, Bill Mullins do Partido Socialista (Grã Bretanha), afirma que:

TRADUÇÃO
MARCOS
MARGARIDO

¹ Este artigo é uma reelaboração do que foi publicado no Opinião Socialista, jornal do PSTU.

Pontos de vista

A negociação entre o comitê de greve da refinaria Lindsey e a companhia de petróleo Total, proprietária da refinaria, estabeleceu uma referência para dezenas de outros centros de trabalho na Grã Bretanha e, de fato, em toda Europa. Esta heroica luta de 1000 trabalhadores, além de engenheiros civis da refinaria (apoiada ainda por greves em mais de 20 fábricas), que trabalhavam em diferentes contratos da planta no norte de Lincolnshire, terminou com uma vitória dos trabalhadores.

A causa da greve foi a contratação de 195 trabalhadores estrangeiros, neste caso portugueses e italianos. A notícia foi passada por uma empreiteira inglesa que anunciou a demissão de trabalhadores a partir de 17 de fevereiro, porque a refinaria havia concedido a construção de uma Unidade a outra “terceira”, neste caso a italiana IREM, que traria seus próprios trabalhadores da Itália e Portugal. Os trabalhadores, com os sindicalistas de base da subcontratada pela refinaria, impuseram uma greve sem aviso prévio (como lhes acusou a direção do sindicato), considerada ilegal na Inglaterra. A greve foi realizada ocupando-se a refinaria e com diversas mobilizações. Os grevistas exigiram a contratação de trabalhadores ingleses. A bandeira dos grevistas *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* ficou conhecida em todo o mundo. O conflito terminou após o acordo de contratar 102 trabalhadores ingleses.

Segundo o porta-voz do sindicato, a greve “*é contra as companhias estrangeiras que discriminam os trabalhadores ingleses. É uma luta por nosso direito ao trabalho, não uma luta racista*”. Este é o argumento que o Partido Socialista (CWI) e a Corrente Marxista Internacional de Alan Woods defendem. Insistem, todos eles, que, além disso, houve um chamado aos trabalhadores estrangeiros para se unirem à greve a fim de exigirem as mesmas condições de trabalho que os ingleses. A multinacional Total e a contratada da obra em questão, a italiana IREM, assim como o governo britânico, dizem que as condições de trabalho dos trabalhadores estrangeiros eram iguais às dos trabalhadores ingleses e que os italianos e portugueses haviam sido contratados porque não se encontrava trabalhadores especializados locais. É provável que as multinacionais e o governo de Gordon Brown tenham mentido para minar a greve, porque de fato há três sentenças judiciais que permitem a contratação de trabalhadores estrangeiros com salários dos países de origem. Também sabemos que os trabalhadores italianos e portugueses dessa obra vivem num barco da companhia.

Os defensores da greve **minimizam a importância do uso das palavras de ordem xenófobas utilizadas**, que eles próprios rechaçam abertamente. Afirmam que a plataforma aprovada por parte da assembleia de trabalhadores, proposta por um militante do Socialist Party, não incluía o lema de *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* e que era a favor de todos os trabalhadores. Que houve faixas em italiano chamando estes trabalhadores a participar da greve, etc. Todos os argumentos que esgrimem em seu texto podem ser verificados. No entanto, dizem que nos primeiros dias não havia direção e que os trabalhadores utilizaram estas consignas de forma espontânea, e acabam reconhecendo que a xenofobia existia, mas, graças à sua intervenção, não se fortaleceu.

Alistair Tice, do Partido Socialista (CWI da Inglaterra e País de Gales), declara em 13 de fevereiro de 2009 ao final de seu artigo que:

Se o Partido Socialista não houvesse participado ativamente nesta greve, haveria o risco de que tais atitudes fossem fortalecidas. No lugar disso, conseguiu-se uma maravilhosa vitória que firma as bases da sindicalização dos trabalhadores estrangeiros e fortalece a unidade de classe.

Esta tese é defendida por Rob Sewell, editor do *Socialist Appeal* (da corrente de Alan Woods): “Os representantes sindicais negaram-se a unir-se à campanha racista da imprensa amarela” (A greve na Lindsey e as mentiras dos meios de comunicação).

Em resumo, para seus defensores estas não eram greves racistas nem xenófobas e foram feitas contra o rebaixamento social (a possibilidade de que empresas utilizem mão de obra mais barata em concorrência desleal às demais), defendem os direitos dos trabalhadores imigrantes, querem que não sejam explorados, defendem seus direitos sindicais e, além disso, são um exemplo para todos os trabalhadores europeus. Se houve alguma palavra de ordem xenófoba foi porque não há greves puras, por confusão dos grevistas ou simplesmente para ironizar Gordon Brown (primeiro-ministro britânico e chefe do Partido Trabalhista).



Foi uma greve xenófoba, tanto pelo uso e pelas consequências destas palavras de ordem como pelos objetivos e resultados da greve

JOSÉ MORENO PAU



Trabalho britânico para trabalhadores britânicos

Algo no que todos coincidimos é que as razões de fundo da greve são os estragos que a crise econômica está produzindo: o crescimento do desemprego, fechamentos de fábricas e demissões na indústria britânica.

Enquanto as organizações defensoras da greve minimizavam o uso da bandeira xenófoba, como sendo algo de poucos trabalhadores exagerada pela imprensa burguesa, organizou-se um recolhimento de assinaturas (cerca de 2000) entre sindicalistas contra a mesma. O fato de que se recolhesse assinaturas mostra o peso que a bandeira xenófoba obteve entre um setor importante dos trabalhadores.

O problema é que, por mais que se queira enfeitar, **foi uma greve xenófoba, tanto pelo uso e pelas consequências destas palavras de ordem como pelos objetivos e resultados da greve.**

A palavra de ordem de *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* foi emprestada de um lema que o próprio Gordon Brown copiou do ultradireitista BNP (Partido Nacional Britânico). Outras palavras de ordem utilizadas pelos grevistas exigiam “escolher os trabalhadores ingleses primeiro, ou os estrangeiros nos tiram o trabalho”. Estas bandeiras são as mesmas utilizadas pelas organizações ultradireitistas em toda a Europa.

Esta bandeira não foi apenas agitada na greve da Lindsey e em outras



Pontos de vista

posteriores, mas chegou a ter consequências diretas contra os trabalhadores imigrantes. Uns 20 trabalhadores portugueses e 80 italianos viviam numa barcaça fornecida pela empresa com restaurante, bar e outros serviços: um piquete de trabalhadores da refinaria Lindsey foi à barcaça onde os imigrantes se encontravam para dizer-lhes rudemente que voltassem a seus países. Os trabalhadores imigrantes contavam que sofriam a rejeição da população e sentiam medo das pessoas da região, em razão do qual iam pouco à cidade. Além disso, as palavras de ordem usadas pelos grevistas da Lindsey Oil não só não desapareceram com o fim da greve, mas continuaram a ser utilizadas em algumas que se seguiram em outras partes do país.

Que pediam os trabalhadores em greve e o que conseguiram?

Como dizíamos no início deste artigo, a exigência era a contratação de trabalhadores ingleses. Vejamos o resultado da greve inglesa, que estes trabalhadores ingleses e seus defensores consideraram um triunfo: dos 198 contratados para essa obra, 102 seriam ingleses sindicalizados. O seja, 102 trabalhadores italianos e portugueses que estavam a ponto de firmar o contrato ficaram sem este posto de trabalho por não serem ingleses.

É um fato que a burguesia utiliza mão de obra imigrante para rebaixar os salários e as conquistas dos trabalhadores. A parte não aprovada da lei Bolkstein, que permite contratar trabalhadores de outros países da União Europeia com os salários do país de origem, tem sido aplicada em várias empresas graças a sentenças judiciais.

Mas a oposição à discriminação salarial dos trabalhadores imigrantes não foi o eixo desta greve, nem de outros protestos posteriores, e sim a exigência de contratar mão de obra britânica. “É um escândalo - diz um comunicado -, e ainda mais nas atuais circunstâncias econômicas. Não temos nada contra os trabalhadores de outros países, mas sim que os ingleses não possam competir com eles em igualdade de condições”.

Se em Lindsey os questionados eram trabalhadores portugueses e italianos, em Staythorpe são espanhóis, subcontratados pela firma francesa Alston para construir uma turbina. Os principais sindicatos do setor falam de 850 postos de trabalho em jogo e pedem que se repartam com os ingleses. “Claramente, não têm intenção de contratar ninguém. Fizeram os contratos fora, com empregados que não são ingleses, mas cremos que há mão de obra local disponível”, declarou à BBC o representante do sindicato Unite, Steve Syson. “Queremos transparência e ver quanto foi pago aos contratados estrangeiros”, completou.

Queremos enfatizar que a exigência de saber se ganhavam o mesmo que os trabalhadores ingleses apareceu como uma reivindicação posterior ao início da greve, e nunca foi o centro da mesma. Poderíamos perguntar-lhes, se fosse comprovada a igualdade salarial, ou se hipoteticamente ganhassem mais, o conflito teria terminado? Cremos que não.

Uma falsa comparação

Após a publicação de um artigo de minha autoria denunciando o caráter racista da greve da Lindsey Oil em seu jornal, o PSTU recebeu uma carta de um militante do PSOL filiado à corrente do Partido Socialista britânico.

Em seu afã de buscar argumentos a favor de seu apoio à greve inglesa, a carta compara essa greve com a dirigida pela CONLUTAS em São José dos Campos, no Brasil.

O próprio sindicato dos metalúrgicos de São José dos Campos e região, onde o PSTU tem maioria na direção, protagonizou o ano passado uma heroica luta contra a tentativa da General Motors de contratar 600 novos trabalhadores temporários com menos direitos e com salários inferiores em relação aos demais trabalhadores da empresa. Essa mobilização enfrentou uma brutal ofensiva unificada dos patrões, do município, da igreja e dos meios de comunicação, que acusavam o sindicato de estar contra a geração de empregos e o desenvolvimento da região. O sindicato e os trabalhadores resistiram até o final e conseguiram arrancar mais direitos, embora não o ideal, para os novos trabalhadores contratados.

Mas a greve da Lindsey Oil não foi uma luta como a do Brasil, pela igualdade de direitos, e sim **para que fossem contratados outros trabalhadores, os ingleses**, que, segundo os sindicalistas ingleses, estavam sendo discriminados tanto pela empresa IREM quanto pela Alston. Além disso, o sindicato dos metalúrgicos de São José travou uma dura batalha para manter os níveis salariais e direitos de **todos** os trabalhadores, que a GM queria rebaixar sob o pretexto de garantir a contratação de novos empregados, num embate que durou meses.

Um bom negócio para os governos europeus

O governo britânico, à raiz da greve xenófoba da Lindsey Oil exigiu das instituições da União Europeia que a regulamentação dos trabalhadores deslocados fosse modificada em benefício dos trabalhadores locais. Isto facilitará ainda mais a discriminação, da qual já são objeto os imigrantes.

Os governos dos países imperialistas europeus, perante este caso, fizeram discursos demagógicos defendendo a livre circulação de trabalhadores **europeus** e contra a xenofobia e o racismo. Na realidade são os responsáveis pela extensão do racismo ao fomentar legislações de estrangeiros que produzem de fato cidadãos de segunda categoria. São os que estão realizando expulsões de imigrantes, inclusive de residentes da União Europeia (como o governo de Berlusconi com os romenos). O que lhes interessa é que as empresas possam contratar os trabalhadores que queiram com os salários mais baixos. Esta greve lhes vem mal nesse sentido, mas lhes ajuda a dividir os trabalhadores. Seu objetivo é evitar a possibilidade de uma mobilização de conjunto da classe operária europeia contra a crise.

As burocracias sindicais contra a unidade da classe operária

Os sindicalistas ingleses que impulsionaram a greve das refinarias contribuíram para dividir os trabalhadores europeus mais que as leis de estrangeiros. O perigo do “nacionalismo”, que dizem ter sido detido nesta mobilização, será fortalecido enquanto greves contra a contratação de trabalhadores de outros países forem realizadas, e facilita que o fascismo finque o pé entre os trabalhadores ingleses. Foi normal que o BNP festejasse esta greve. Seu exemplo pode propagar-se para outros países, levando ao enfrentamento entre



Pontos de vista

os trabalhadores de cada país contra os dos demais. Na Itália, chegou-se a afirmar que os trabalhadores ingleses que estão em solo italiano deveriam ser retirados. Os sindicatos ingleses exigem medidas protecionistas para os trabalhadores ingleses, o que significa discriminar os trabalhadores estrangeiros, inclusive, como neste caso, também os de outros países da União Europeia. Na Espanha, as Comissões Operárias (CCOO) e a União Geral dos Trabalhadores (UGT) aceitam a discriminação de trabalhadores imigrantes que não tenham visto de residência de longa duração. É nefasto o papel da burocracia sindical nestes anos, ao utilizar argumentos como os de defender as condições de trabalho dos trabalhadores locais, promovendo assim o corporativismo e a compartimentação dos trabalhadores.

A lógica adotada pela burocracia sindical leva primeiro a discriminar os imigrantes, mas depois leva à exigência de que não se contrate trabalhadores que não sejam da própria cidade, em outros lugares, ou que se demita os trabalhadores terceirizados, por não fazerem parte do quadro de pessoal, ou que se demita os trabalhadores precarizados porque não têm as mesmas garantias salariais e de trabalho que os trabalhadores fixos, depois serão os desta ou daquela idade, ou, por que não, é o homem que deve ter o direito ao trabalho por ser o cabeça da família...

Por isso não nos surpreende o papel da direção sindical relatado por Rob Sewell, da Tendência Marxista Internacional de Alan Woods:

Mas surpreendentemente, o secretário geral do sindicato UNITE, Derek Simpson, aceitou posar para o Daily Star, rodeado por duas mulheres jovens vestindo camisetas com o nome do jornal e com cartazes com os dizeres: *trabalho britânico para os trabalhadores britânicos*. Esse mesmo dia, os fotógrafos do Daily Star e as mulheres em questão estiveram no piquete de greve, mas os grevistas deixaram claro que não eram bem-vindos.

Para Sewell, o dirigente sindical deixou-se utilizar e a imprensa manipulou. Para nós, o que fez foi relacionado à sua trajetória, porque defender as bandeiras xenófobas é a consequência lógica de anos fomentando a divisão entre os trabalhadores. Alguns, como Simpson, o fizeram abertamente, enquanto outros de forma envergonhada.

A amplitude das palavras de ordem xenófobas é o resultado de que, não só não foram combatidas pelas burocracias sindicais, mas também que ajudam a enraizar tais questões com sua política. As mensagens racistas e xenófobas acabam entrando nas filas operárias por meio de argumentos como a aceitação de salários e condições de trabalho inferiores à dos trabalhadores nacionais pelos imigrantes, como se os aceitassem por gosto, como se tivessem liberdade de escolha.

A exigência de contratar trabalhadores e realizar greves e ocupações de empresas para consegui-lo é uma ação operária de grande importância e que obteve êxitos em muitas ocasiões. É provável que seja uma prática que se estenda neste tempo de crescimento do desemprego. Mas, se for feita contra outros trabalhadores pelo fato de serem estrangeiros, perde todo caráter de classe: divide os trabalhadores por nacionalidades e acaba fomentando a

opressão do setor mais fraco dos trabalhadores, os imigrantes.

A isto podemos adicionar a concorrência que a burocracia e os patrões fomentam pelos postos de trabalho, inclusive de país a país. Assim, nas multinacionais as burocracias de cada lugar dedicam-se a negociar o número de demissões que lhes cabe, em vez de unir os trabalhadores das fábricas dos diferentes países para impedir as demissões numa luta conjunta. Esta divisão entre os trabalhadores só facilita a aplicação de demissões e cortes de direitos pelos empresários.

Uma resposta de classe ao desemprego

Nós preferimos defender outros exemplos de luta nos quais a defesa dos postos de trabalho foi realizada acima das fronteiras. Assim estão fazendo os trabalhadores da *General Motors* de São José dos Campos no Brasil, ao divulgar a necessidade de organizar uma resposta do conjunto de fábricas da GM no mundo. Os trabalhadores da *Continental* (fabricante de pneus e autopeças) da França e da Alemanha, que se uniram em 23 de abril de 2009 contra a ameaça de fechamento de uma fábrica em cada país. Os trabalhadores da fábrica francesa viajaram 12 horas para se unirem a seus companheiros alemães e reivindicar conjuntamente a defesa de seus postos de trabalho.

Para que uma resposta de classe seja concretizada, os trabalhadores europeus terão que enfrentar a xenofobia que os governos e as burocracias sindicais estão fomentando, já que os problemas dos trabalhadores são os mesmos em todos os países. Esconder ou minimizar a falsa consciência dos setores mais atrasados dos trabalhadores é o que as correntes defensoras da greve da Lindsey Oil estão fazendo, e com isso capitulam às bandeiras xenófobas.

Combater a xenofobia e o racismo entre os trabalhadores não se faz apenas com discursos, mas oferecendo soluções de classe contra os efeitos da crise. Para combater o desemprego é necessário mobilizar-nos para conseguir trabalhar menos, a fim de que todos trabalhem sem redução de salários; é a palavra de ordem que o Programa de Transição da IV Internacional defende contra o desemprego: **a escala móvel de horas de trabalho**.

Deveria ser dito aos trabalhadores ingleses que sua luta por postos de trabalho é justa, mas sem contrapô-la à contratação de trabalhadores de outros países. As exigências devem ser feitas contra os patrões e seu governo, exigindo em primeiro lugar a **estabilidade no emprego, planos de obras públicas e redução de jornada**. Se a extensão do apoio à greve fosse feita com estas reivindicações, a greve teria o apoio de todos os trabalhadores europeus. Então, uma coordenação das lutas por emprego poderia abarcar o conjunto da classe trabalhadora e coordenar-se internacionalmente.

A única garantia para defender os postos de trabalho é a **unidade de todos os trabalhadores**, sejam do país que forem. Para isso, temos que exigir a igualdade salarial e de direitos trabalhistas, sindicais e políticos a todos os trabalhadores. Isto significa também que devemos lutar para que os imigrantes “ilegais” possam regularizar sua situação.

As exigências de alguns sindicatos de proibir as contratações no país de origem dos emigrantes beneficia os governos, que querem aproveitar estes tempos de crise para impor legislações que determinem os fluxos migratórios

Pontos de vista

convenientes à burguesia. Quando precisam de mão de obra, abrem a mão, quando as têm em excesso e lhes podem gerar conflitos sociais, fecham-na e os expulsam. Por outro lado, os capitais vão e veem sem limites, espoliando continentes inteiros e produzindo a miséria causadora da necessidade de migração por parte dos trabalhadores. Devemos lutar pelo livre movimento de todos os trabalhadores, temos que lutar pelo direito e a possibilidade de mudar de local de moradia e de trabalho, um direito que hoje só os ricos têm.

Exigir os mesmos direitos servirá para que enfrentemos juntos os que estão condenando milhões de trabalhadores em todo o mundo à miséria, a fim de que a crise econômica seja paga pelos capitalistas e não pelos trabalhadores.